



LIBERDADE E CRIAÇÃO

Gilvan Fogel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Liberdade e Criação é o nosso tema. Para dele nos acercar, para realmente tematizá-lo, fazemos inicialmente um aparente desvio e começamos perguntando: O que é o homem? O que é o real? São velhas perguntas. E, nem por isso, menos perguntas! Com elas, a propósito do que nelas e com elas é perguntado, busca-se enraizamento, direito ou razão de ser, fundamentação. São, pois, perguntas fundamentais.

Toda pergunta fundamental comunga a forma anunciada por Santo Agostinho, Livro XI, cap. 14, de *As Confissões*, ao perguntar pelo tempo. “O que é o tempo?”, pergunta ele. E responde: “Se ninguém me pergunta, eu sei; uma vez perguntado, já não mais sei!” O que é o homem? O que é o real? Ora, *quem* não sabe isso?! Isso somos, com isso nos encontramos, damos topada e lidamos sempre, a todo e qualquer instante. Todos sabemos - é claro, se ninguém pergunta! No entanto, uma vez perguntados, constatamos que *nenhum-ninguém* sabe!

Mas ... a Terra todavia gira e o homem é este estranho espécime que pergunta. Este estranho espécime, cuja devoção é perguntar. E isso, porque pensa, quer dizer, não só porque vê, mas, sobretudo, porque vê que vê! Toda pergunta é eco, ressonância desse desconcerto.

O homem pergunta. E pergunta por si e pelo que para ele aparece, envolvendo-o ou circunscrevendo-o, a saber, o mundo, as coisas, o real.

Perguntando por si, o homem já se auto-definiu como o vivente que “tem” ou que “é” *lógos*, isto é, o vivente que “tem” ou “é” palavra, discurso, linguagem, articulação de sentido. A tradição consolidou: o ente dotado de razão, o animal racional. Muito haveria a discutir e a comentar, buscando esclarecer o real sentido, o real “lógos” (!!) desta definição, ou seja, sua procedência, seu direito de ser.

Vamos, porém, deixar de lado esta via e tomar um outro caminho, para, na verdade, cumprir a mesma viagem. Digamos que o homem é algo estranho, muito estranho, estranhíssimo! Isso soa a Conselheiro Acácio e, portanto, como uma soleníssima banalidade. Façamos, porém, dessa banalidade um possível ponto de partida. O homem é, sim, um algo ou uma coisa tão estranha, que começa, principalmente, não sendo “algo” nenhum, “coisa” nenhuma. Nesse nosso mundo irrevogavelmente de coisas e de algos, só o homem não é coisa nenhuma, algo nenhum. Só ele é feito de uma insólita substância, que é substância nenhuma, mas destino, *estória*, isto é, suceder, devir, *acontecências*. Veremos, adiante, l i b e r d a d e.

Assim, só ele não é e não tem uma “natureza”, um “ser”, uma “essência” fixada, pré-fixada, ou seja, antecipadamente dada, pré-escrita e, por isso, desde sempre e para sempre pronta e acabada. A lei, a evolução ou o desenvolvimento de uma planta, de um animal, de um organismo qualquer tem, é, no fundo, uma trajetória fixa e inexorável, como se fora a trajetória de uma pedra arremessada ou de um projétil, que parte da base do velho morteiro. É como pedra arremessada, cuja trajetória é exatamente antecipada, pré-escrita e pré-vista no *cálculo*, que animal e planta vivem, isto é, cumprem os seus respectivos ciclos biológicos: nascem, crescem, reproduzem e morrem. Sempre são e sempre serão o que toda planta e todo animal sempre foram, quer dizer, fixados no rígido repertório de seus instintos, sem *estória*, sem destino, sem *tempo*, isto é, sem a abertura, sem a liberação, *sem a liberdade de ou para ser algum possível poder-ser!*

O homem, ao contrário, é *estória*, é destino, melhor, destinação, que quer dizer envio, assim como também desvio, e nisso e por isso, alteração, transformação, transfiguração de seu ser, de sua essência, que é, vimos, *coisa* nenhuma, *algo* nenhum. Antes, trata-se do insistente envio e também desvio de um vazio, de um oco, de um buraco, que se chama *poder ser, possibilidade* - mesmo e principalmente *possibilidade de e para possibilidade*.

O homem, i-mediata ou originariamente, não é nenhum espírito, nenhuma alma, nenhuma consciência, nenhum sujeito, nenhum eu, nenhum indivíduo ou pessoa, assim como também nenhum corpo, nenhuma matéria, nenhuma energia, nenhum complexo

eletro-químico animado e reanimado nas e pelas sinapses. Nem isso e nem aquilo que, dialeticamente, pudesse ser o contrário ou a negação de tudo isso.

Imediata ou originariamente, o homem é tão-só possibilidade de possibilidade, isto é, ele é como que o *lugar* e a *hora* de poder ser tocado e tomado (i.é, *afetado*) por alguma possibilidade de ser (um *afeto*), isto é, por algum *verbo* ou *afeto* da e na existência, na vida, e que se configura como seu necessário caminho, percurso, para vir a ser o que ele é, a saber, homem, que será, então, *este*, *aquele* ou *aquele outro* homem, desde e como o fazer-se ou o concretizar-se da possibilidade que é, desde que tocado e tomado por ela. Assim vai se fazer *estória*, quer dizer, o tempo ou a temporalização (da liberdade) como realização ou concretização de possibilidade. Sim, o “ser” do homem é poder ser um poder-ser, ou seja, o oco, o vazio, que é o modo de ser que precisa se denominar *possibilidade de e para possibilidade*.

2. Igualmente o real, isso que imediata e habitualmente chamamos realidade, ou seja, isso que aparece para o homem (que é possibilidade de e para possibilidade) como realidade - pois bem, também este real não é nada em si, *objetivo*, prévia e para sempre fixado ou determinado e que espera por uma constatação ou verificação. Não infira-se daí ser o real, então, algo *subjetivo*, pois seria apressado e, no caso, o que é pior, errado, entendendo-se por *subjetivo* o que é contrário e oposto ao objetivo. O erro, aqui, é o sujeito, quer dizer, o homem pré-fixado, p. ex., como *eu*, como consciência, ou *alma*, ou espírito, o qual põe o subjetivo e, imediatamente, contra-põe o objetivo. Subjetivo-objetivo, objetivo-subjetivo é jogada do mesmo jogo, ou seja, a atitude que decide, que já decidiu que a estruturação de toda e qualquer realidade possível se faz, *precisa* se fazer *a partir* de sujeito *versus* objeto, como sujeito x objeto.

Foi dito acima: “Aqui ou isso que habitualmente chamamos a realidade”. Com isso, fica sub-dito que para nós, aqui, agora, o hábito, isto é, o comum do senso comum, o ordinário não é a medida, não é critério para decidir por realidade. Desde o hábito, na vigência do habitual ou do ordinário, realidade parece ser coisa dada, fixada, definida - “objetiva e inalterável”, diz-se. O *se* traz à tona, e também escamoteia, o império do hábito.

A verdade é que isso que, desde o império do hábito ou do senso comum, parece ser o real, a *coisa* definida, dada e acabada e que esteja à espera de uma constatação, de uma verificação em confronto com alguma possível teoria ou mesmo servindo de base ou de ponto de partida para toda e qualquer posterior representação, construção ou objetivação - enfim, a verdade é que este real também não é em si previamente dado e fixado desde sempre e para sempre, mas também ele se articula e se compõe necessariamente no horizonte da possibilidade e da possibilidade *de* e *para* possibilidade. De algum modo, portanto, sincronizado, compassado com o modo próprio de ser do homem, que é ser possibilidade de e para possibilidade.

A pedra, a franciscana pedra, que encontramos por aí a toda hora, não é em si, objetiva e canonicamente pedra desde sempre e para sempre, mas ela *pode* ser esta, aquela ou aquela outra pedra. Melhor formulado: ela *precisa*, sim, ser *uma* pedra possível, mas ela nunca é, nunca será *a* pedra, pois *a* pedra não há. Expliquemos.

A pedra será sempre a pedra do canteiro, *ou* a do escultor, *ou* a do poeta (penso em Drumond de Andrade!), *ou* a do geólogo, *ou* a do construtor civil, *ou* a do dono da pedreira, *ou* a da criança, que com ela marca o gol, a baliza, para fazer sua pelada ou faz marimba para pegar a linha da pipa - *ou ... ou ...*

Cantaria, escultura, poesia, geologia, construção civil, comércio (ou indústria!), jogo, isto é, o mundo lúdico da criança, são *aberturas*, *possibilidades* de ou da vida, de ou da existência, as quais se apropriam, se apoderam do “ente” que *pode* ser apoderado ou apropriado por tais possibilidades (isto é, o homem e *só* o homem) e que então fazem desde “ente” isso que ele realmente, ontologicamente é, a saber, possibilidade de e para possibilidade. Esta abertura, estas possibilidades são os *horizontes*, as *relações* possíveis *instauradoras* de pedra. A pedra em si, isto é, *fora* de um tal horizonte ou de uma tal relação, não há, *não pode haver*. Por isso, se disse: *a* pedra - esta não há. Há sempre e só *uma* pedra possível! Para que pedra seja, toda e qualquer, é preciso que *uma* destas aberturas, horizontes ou relações *já* tenha irrompido, se instaurado e, assim, acontecido. Fora disso, a saber, fora de tal relação ou abertura possível (necessariamente possível!!), é ser ou estar fora de toda e qualquer *necessária condição de possibilidade* para que pedra *possa* ser pedra, para que pedra efetivamente seja pedra.

Tomamos a pedra, uma pedra como exemplo, isto é, como exemplar ou paradigmática. Isto significa que, tal como pedra, articula-se e compõe-se o que quer que seja, que apareça no horizonte do olhar, ou seja, o que quer que se faça visível, portanto, que seja, que apareça, que seja real, realidade...

Tão-só à guisa de observação, fazemos notar que esta abertura, horizonte, relação ou possibilidade, que fala do estrato da vida, do homem e de todo e qualquer real, de toda realidade possível - pois bem, tal estrato pode também denominar-se *i n t e r e s s e*. Isto é, o que quer que seja, o homem, ou pedra, ou o Hamlet, ou o ponto geométrico - o que quer que seja, pois, só pode dar-se *interessadamente*. “Interesse”, aqui, diz rigorosamente: ser (“esse”) sempre já desde dentro (“inter”) de um determinado modo próprio e possível de ser. Mas, deixemos isso de lado.

3. Neste contexto, como se pode, como se deve - mais, como se *precisa* falar de liberdade?

Possibilidade, isto é, possibilidade de e para possibilidade - o homem e toda realidade possível - é uma irrupção súbita, um *salto*. O salto que define começo, origem. Portanto, começo, origem é, i-mediata ou subitamente, o abrir-se e instaurar-se de possibilidade, melhor, de possibilidade de e para possibilidade. Por ser súbita ou i-mediatamente - salto! - , começo, origem, faz-se ou dá-se desde nada, também *para* nada, quer dizer, pura *doação*, pura *espontaneidade*. Esta irrupção súbita, espontânea, é obra, *é acontecimento de liberdade*. Liberdade porque dom, doação, espontaneidade, isto é, liberdade porque um acontecimento sem por quê (!!), ou seja, como aquilo que se dá e se impõe sem nenhuma razão externa, sem nenhuma necessidade ou coerção estranha - sem causa, pois! - , fora do próprio acontecimento. Sem causa, sem por quê - nisso, justo nisso reside o dom, a espontaneidade e assim se define igualmente a *transcendência* do acontecimento inaugurador. A transcendência da gratuidade fundadora - a transcendência de liberdade.

Não se está falando de “vontade livre”, de “livre arbítrio”, de “liberdade individual”, de “poder de decisão da vontade pessoal”, de “poder de escolha” a respeito disso ou daquilo, assim ou assim outro. Estamos falando de um estrato anterior, inaugurador

e assim fundador da humanidade do homem e da realidade do real e que se faz, que irremediável e irrevogavelmente se faz aquém dos caprichos humanos, burgueses...

Liberdade, o acontecimento instaurador e fundador da humanidade do homem e da realidade do real, não é “coisa” de *sujeito*, de *eu*, de *consciência*. Não é nenhuma decisão de vontade individual e livre ...! Liberdade, enquanto tal acontecimento instaurador, é a *necessidade da gratuidade (do salto)* da transcendência, que se apodera do homem e o determina como lugar e hora de toda e qualquer realidade possível. O homem, enquanto obra de liberdade, é, sim, a encruzilhada, a conacruz de todos os caminhos, isto é, instância do fazer-se visível ou aparecer de tudo, de toda e qualquer realidade possível.

4. Assim como liberdade, criação igualmente também não é “coisa” de sujeito, isto é, produto de “eu”, de “consciência”, de vontade individual e livre. Criação não é nada “pessoal”, “individual”, quer dizer, nada que possa ou que deva ser caracterizado como *expressão* ou *manifestação subjetiva* de algum *eu*. O “eu”, o “sujeito” é “coisa” tardia, epigonal. Obra, melhor, resultado da atividade de possibilidade como transcendência. Fosse a criação expressão ou manifestação subjetiva, e ela seria algo pequeno, mesquinho - isto é, criação nenhuma! - , tão-só do tamanho da miudeza deste subjetivo, deste pessoal ou individual. Ao se falar aqui de pessoal e de individual, ouça-se o acento no aspecto *interior*, *íntimo* e mesmo *intimista*. Só uma época narcísica, toda embevecida também com a ponta do próprio nariz - ou seja, a nossa época! - pode entender e definir criação desta maneira.

Mas, não! Criação é coisa de *escuta* - de escuta e de *obediência*. Por escuta e obediência entender-se-á a dimensão de *entrega* e, na e desde entrega, *participação* na força e na evidência da possibilidade que se põe, se ex-põe e, então, graças à escuta e à obediência, se impõe. Quer dizer, dá-se, faz-se criação quando um homem, já tocado e tomado pela força ou pelo poder de transcendência, se faz consentimento, aquiescimento, que é escuta e, na escuta, obediência e, assim, deixa-se usar pelo que *precisa* aparecer e fazer-se visível, isto é, tornar-se real. Dá-se criação quando o homem se permite, se deixa ser o caminho disso que pode, e então *precisa*, ser.

E aqui cabe uma correção nesse nosso rumo, nessa nossa exposição: não se trata de liberdade *e* (+) criação, mas, antes, de liberdade *como* criação. Melhor ainda: trata-se de criação como exercício, como atividade de liberdade. Liberdade é a ação, que é a auto-exposição, desde repetição ou retomada, de gratuidade, de espontaneidade. Criar é permitir, é consentir que isso, que é a necessidade, aconteça, se dê.

Mas como precisamente isso? Tentemos alinhar esse perfil.

5. Por criação vamos entender o movimento de *auto-superação* de possibilidade, quer dizer, a dinâmica de possibilidade sobrevivendo sobre possibilidade e assim se concretizando ou se realizando à medida que se expõe. É assim, enquanto e como auto-superação de possibilidade, que criação se mostra como insistentemente o jogo de alteração, de diferenciação. Portanto, auto-superação diz o mesmo que alteração, diferenciação. E “alteração” diz, literalmente, alter-ação, isto é, a ação ou a atividade do próprio (possibilidade), em se retomando, vir a ser outro (“alter”). Isso é o que diz também diferenciação. Alteração ou diferenciação de possibilidade que, então, se desdobra, se expõe e, a cada passo, mais se evidencia como a possibilidade que é, à medida que mais se libera e se concretiza como poder-ser no seu devir. Na vida, na existência, o princípio (“arché”, origem), a saber, possibilidade de e para possibilidade, obedece ao imperativo pindárico, que diz: “Vem a ser o que tu és”. A partir do *toque*, a partir do *ser tocado ou tomado por* - isto é, desde afeto ou experiência - possibilidade entra no jogo de cumprimento do seu destino, ou seja, passa a cumprir a estória ou o devir que é e, assim, *cria*, isto é, insistentemente se retomando, voltando-se sobre si em revitalização, se altera, faz aparecer outro, o “novo”, desde o mesmo, a saber, o “antigo”, que é a própria possibilidade.

Este jogo chama-se *crescimento de vida*. Mas não crescimento no sentido da soma, da aglutinação progressiva e então de agigantamento. Não. Trata-se de crescimento como *intensificação*, isto é, como *conquista de clareza, de evidência* na urdidura de seu próprio destino ou destinar-se (enviar-se, *estoriar-se*). Assim, tal auto-superação, que é alteração, que, por sua vez, é crescimento como cunhagem de evidência no destino, é

igualmente o forjar-se de *necessidade*. A criação é tão-só o cumprir-se desta *lógica* da e na ação de transcendência.

Continuando, a esta dinâmica, a este jogo de crescimento *ou* de intensificação da vida, que é a estória, o devir ou o tempo próprio da possibilidade, enfim, a criação - pois bem, a isso podemos, devemos chamar formação, plástica, modelagem ou, de novo, cunhagem do *próprio*, isto é, de uma *identidade*. Portanto, por próprio ou identidade está-se entendendo a clareza, a evidência que vai iluminando e definindo para si mesma a possibilidade, à medida que ela se faz estória, devir, isto é, à medida que ela, expondo-se, altera-se e assim vai vindo a ser si mesma, em se impondo como a necessidade ou o destino. *Criar é preciso...* O súbito, o salto o impõe... Por nada, para nada ...

A este jogo liberdade-criação, enquanto cunhagem de um próprio (identidade), à medida que, intensificando-se ou crescendo, possibilidade vem a ser a possibilidade que é - a isso cabe entender como movimento de *apropriação*. Criação, vida é apropriação. A-apropriação diz: fazer vir para junto de um próprio; a ação ou a atividade de vir para junto de um próprio. Assim, próprio (identidade) define-se como a definição de *estória*, isto é, destino, isto é, de necessidade. Próprio é possibilidade realizada. É estória cumprida, conquistada.

6. Retomemos o percurso até aqui esboçado e apertemos um pouco mais o cerco ao tema. Auto-superação, que é alteração ou diferenciação, fala igualmente *auto-ultrapassamento*. Portanto, dizendo a mesma coisa de outro modo, criação é dinâmica de auto-ultrapassamento. E isso quer dizer: a partir de si, ir, passar para além de si; desde si, transcender-se ou ultra-passar-se. Mais uma vez, ouçamos bem, é isso o criar. Portanto, assim, como auto-ultrapassamento ou ir-passar para além de si, criar diz: *pro-criar*.

Aqui, agora, em trânsito, ocorre-nos uma observação. Toda esta caracterização de auto-superação não fala de um processo linear, evolutivo-progressivo, em que vão se somando, se acrescentando em ordem cronológica ou sucessivo-linear características, propriedades, como se à auto-superação se juntasse, primeiro, alteração ou diferenciação e, depois, sucessivamente fossem se somando crescimento + intensificação + conquista de próprio ou de identidade + apropriação e, agora, + auto-ultrapassamento + ir para além de

si + procriação. Não. Toda esta descrição procura mostrar as articulações de um mesmo fenômeno, isto é, procura evidenciar os momentos, talvez os níveis ou os graus de tensão de um único e mesmo ato - a criação como o jogo da transcendência da vida, enquanto movimento de possibilidade para possibilidade, isto é, o fazer-se de liberdade.

Feita esta ressalva em trânsito, retomemos a questão. Auto-ultrapassamento, a pro-criação, é o que Platão, no *Banquete*, com a simplicidade daqueles que realmente vêem e sabem, chama de “passagem desde o não-ente para o ente, desde o não-real para o real” e que denomina “poiesis” ou, sim, criação como movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo, isto é, vida, “psyché”¹. Esta procriação, a “poiesis”, ainda sob o olhar sereno e soberano, eterno, de Platão², é uma pro-moção de gênese e, assim enquanto e como insistência nesta promoção, uma perduração do movimento gênese, à medida que é insistência na repetição ou re-tomada de gênese (“*aeigenes*”), ou seja, a persistência de alteração ou diferenciação e todo seu jogo. E, diz Platão, “para um mortal, é isso a imortalidade!”³

Que fique, porém, claro: não imortalidade no sentido de ser fora do tempo, a-temporal, indiferente e apático à estória e à transfiguração. Ao contrário, aqui, imortalidade é a persistência *de e na* gênese (geração) enquanto e como a temporização do movimento alteração-diferenciação-intensificação, isto é, enquanto e como a *duração* do movimento obra ou do jogo da pro-criação, da auto-superação. Aqui, para nós, é isso que está dizendo *crescimento*, a intensificação de possibilidade como conquista da evidência do próprio, do destino, da necessidade. Sim, é eterno enquanto dura!! A duração, a *per-duração*, que é o tempo da vida, de vida se fazendo vida, auto-fabricando-se - “*aion*”. Fora disso reina a apatia e a indiferença paradisíacas, que é o mundo da felicidade e da alegria dos idiotas da objetividade...

Auguste Rodin, tomado por esta mesma experiência de pro-criação, de perduração de gênese e desconcertado, melhor, *desencantado* com o *vandalismo* das restaurações - “Mais cinquenta anos de restauração e não mais teremos catedrais góticas”, disse ele no

¹ Cf. Platão, *Banquete*, 205b

² Op. Cit. 206e

³ Idem

começo do século XX - sentenciou: “Uma arte que tem vida não restaura as obras do passado, mas as *continua*”⁴.

“Arte que tem vida” é uma expressão pleonástica, um reforço exagerado, pois arte é vida, isto é, imitação (“*mimesis*”) de vida, à medida que ela, a arte (criação), sobretudo ela evidencia, expõe insistentemente movimento que se move a si mesmo desde si mesmo, i.é, “*psyché*”, gênese, auto-gênese. Entrar neste movimento, sintonizar-se ou sincronizar-se com ele e assim com ele con-crescer e pro-movê-lo - é isso o *continuar*, “continuar as obras do passado”. “Passado”, aqui, não fala do registro historiográfico que ficou lá atrás, a data, mas a origem, a *arché*, que é a sempiterna gênese e, por isso, sempre já todo o presente e sempre já todo o futuro possível. Nesse sentido, o “passado”, na repetição ou na retomada, é, aqui e agora, o porvir *de e na pro-criação*. Não “restaurar”, isto é, não remendar, não maquear para conservar, não recauchutar com o propósito de salvaguardar *ipsis literis*, visando, pela via da manutenção do dado e do feito, a, como se diz, “sobrevida da obra” ou a “preservação da memória, da história”, mas *c o n t i n u a r*, isto é, na alteração ou na diferenciação, insistentemente re-tomar (repetir!) o movimento gênese, nele tomar parte ou participar e, assim e graças a isso, pro-movê-lo, fazê-lo *per-durar*. Assim, sim, faz-se, dá-se memória originária e não atávica. Assim, sim, acontece a “sobrevida da obra”. Assim, sim, está *garantida* a imortalidade desde a celebração da própria morte no devir...É isso que Rodin chama ainda “imitar a natureza”. Imitar, “*mimesis*”, é preciso entender não como copiar, fotocopiar, mas como repetir, isto é re-tomar. Mas retomar o que? A natureza, isto é, “*phýsis*”, “*natura*”, como nascividade e gênese ou como o movimento que se move a si mesmo desde si mesmo: vida, “*psyché*”. O homem é a testemunha - mártir! - e o partícipe de criação.

7. Em alguma hora, acima, dissemos que o *eu*, o *sujeito* é algo tardio, epigonal. Agora, tendo feito o percurso que fizemos, podemos entender o por quê e o como disso.

No jogo liberdade-criação, ao longo da travessia de configuração de seus momentos ou níveis (auto-superação, crescimento, intensidade, evidência, necessidade, destino, cunhagem de próprio ou de identidade, apropriação, auto-ultrapassamento,

⁴ Cf. Rodin, A., *Grandes Catedrais*, Martins Fontes, São Paulo, 2002, pág. 41

procriação, *eternização* e *imortalidade* como pro-moção da perduração de gênese), faz-se, vem a ser tanto obra quanto autor, tanto criatura ou o criado como o criador. Na verdade, não há, não pode haver autor *fora*, isto é, *antes* ou *depois* deste jogo, desta estruturação, que é o devir ou estória. Diz-se, p.ex., *eu* pinto, como se o *eu* fosse a causa, o responsável ou o *autor* do pintar. Assim, o *eu* sub- ou pré-existiria ao pintar (isso é que faz dele sujeito ou *sub-jectum*) e, então, pintar seria uma ação livre e deliberada do *eu*, talvez arbítrio da *vontade* de um *eu*, que *pode* ou *não* pintar, que *quer* ou *não* pintar ... Esta é a perspectiva de quem está de fora, do bom burguês, a-pática e des-interessadamente, e que é, sim, a perspectiva do sujeito, que quer ser e de fato é “objetivo” - justamente porque subjetivo!

O que há, porém, é o pintar, isto é, a possibilidade de cor se fazer cor e, assim e graças a isso, mostrar-se como possível princípio de realidade, como *uma* realidade possível, que se consumará se for feito de tal modo que ela realmente se consume, que ela apareça e se imponha, enfim, *se se pinta!!* A pintura, o pintor (autor) e a obra acontecem dentro disso, nesse âmbito, como obra do pôr-se em obra do verbo, do interesse, da possibilidade. “*Que cada uno es hijo de sus obras*”, diz lapidariamente Don Quixote. O homem, quer dizer, a possibilidade *de e para* possibilidade, é tocado ou tomado por este poder-ser (o pintar) e, no exercício do pintar (pois toda possibilidade é princípio de ação), é *atividade de auto-exposição deste poder-ser, que se apropria do homem e o usa*, para se concretizar ou para vir a ser o que ele (a saber, o poder-ser) é e, ao mesmo tempo, fazer do homem *e s t e* homem (o pintor, *e s t e* pintor), também como o lugar e a hora, isto é, o destino do pintar. É assim que, no exercício ou na atividade do pintar, fazem-se, vêm a ser *pintura* e *pintor*, obra e autor - tudo como obra de obra.

Dizer, p.ex., *eu* pinto (ou *eu* ando, ou *eu* escrevo, ou *eu* guerreiro, etc., etc.) é um cochilo, uma distração - “Um afrouxamento do arco”, diria Nietzsche - , que se deve ao fato de que, quem fala, se detém e, ao deter-se, superestima, a ponto de substancializar, aquilo que tende a se consolidar e mesmo a se cristalizar, ou seja, o que sobra feito coisa ou o que se mostra coisi-ficado como resultado da ação, como o que sobra ou resulta do jogo, da dinâmica, melhor, o que sobra ou o que fica feito coisa quando a ação se interrompe, isto é, quando, por algum motivo, o jogo se desfaz. Aí, então, fala-se de obra *e (+)* de autor, de

objeto *e* de sujeito, de passivo *e* de ativo, de efeito *e* de causa, de sujeito *e* de predicado. Esta fala tem seu direito, sua razão de ser, que é o direito ou a razão de ser do tardio, do epígono. Não cabe agora discutir este problema. O erro, e com isso se é intransigente, é querer que o tardio, o epígono, isto é o decadente, assuma o lugar e a hora do arcaico, do originário e seja assim elevado a medida, quer dizer, se faça critério, como se fora ele *só* a cadência, o ritmo, o pulso...

8. Estamos nos encaminhando para o final desta breve e esquemática exposição. Queremos fechar, dizendo que a arte não significa nada, isto é, ela não é sinal, não é signo de nada, não denota ou conota coisa nenhuma. Ela é sempre a própria coisa. Mas, por que arte? Porque na arte, criação, enquanto atividade de liberdade, aparece de maneira exemplar. Reafirmemos, portanto: arte não significa, isto é, não simboliza nada. Não é nenhum símbolo. O símbolo, todo símbolo é, por definição, remetimento para fora, para além de si mesmo, envio para outro que si mesmo. Pois bem, arte não significa, não simboliza nada - isto quer pois dizer: arte não *representa* nada, ou seja, ela não envia ou remete a nenhuma outra coisa além daquilo que nela, como obra, aparece e se mostra; ela não remete a nada *além* e a nada *estranho* a isso mesmo que nela e desde ela aparece e se mostra, se faz visível. Arte não significa, não simboliza, não representa nada - isso quer ainda dizer: a obra de arte, isso que na obra aparece *é só* e inteiramente isso que aparece e se dá. “Atrás”, “além” da obra de arte não há nada. Ela é pura presença, melhor, pura *superfície*. O que aparece na obra e como obra *não está no lugar de nada, não é embaixador (representante!)* de coisa outra alguma. Assim, no âmbito da experiência artística, da criação exemplar, revela-se que nenhuma coisa *substitui* (representa!) ou está no lugar de nenhuma outra coisa. Na suposição que o símbolo seja um leva-e-traz de informações - de recados! - , então, a arte não é recado de nada, de ninguém, para ninguém. Arte não *tem* nenhum sentido, isto porque ela *é* absolutamente todo o sentido. Ela, em si e por si, é começo, meio e fim.

Arte, criação - *é para nada!* “*Para nada*” quer dizer: não está voltada, direcionada para algo nenhum *fora* (aquém ou além) da própria obra, isto é, da própria *coisa*, melhor, da própria *ação* ou do próprio *ato*. Ela não *intenciona*, não *visa*, isto é,

não projeta ou almeja nenhum sentido fora do próprio ato. O ato, a obra é tudo. Por isso arte não *é*, não *precisa* ser verdade. Isso, suposto que habitualmente imaginamos, representamos verdade como adequação, como correspondência. Tal compreensão já vem sobrecarregada com a evidência, com o óbvio da necessidade da constatação, da verificação, pouco importando desde onde se entenda ou se subentenda tal verificação ou constatação, a saber, objetiva, funcional, valorativa ou *ciberneticamente*. Arte não é isso. Ela não *precisa* disso. E isso porque tal verdade, tal compreensão de verdade é fútil. Ou, então, mais incisivamente, no olhar de Nietzsche, porque *esta* verdade é “asquerosa”, “repugnante”. Daí ele afirmar solene, altivamente: “A verdade é asquerosa, repugnante. Nós (i.é, os criadores), porém, temos a arte e *assim não sucumbimos, não soçobramos na verdade*”⁵. Vista, entendida, porém, como atividade do acontecer de liberdade, *s ó* arte, melhor, *s ó* criação se impõe como verdade, porque assim verdade se faz *estória*, jogo de auto-superação. E, desse modo, se faz correspondência, concordância - digamos, *c o n – s o n â n c i a* com toda e qualquer realidade possível.

A arte, a criação é inútil, isto é, não tem nenhum sentido visado ou projetado para fora ou para além dela própria. A arte, a criação é a alegria da ação inútil. Inútil e necessária. É extraordinário, é uma dádiva, uma graça que haja tal coisa. Ou seja, é uma bênção o *fato* de que a vida, em seu estrato ontológico último, seja isso, seja assim! É uma bênção não *precisar* de coisa nenhuma fora, além ou aquém, daquilo que, aqui e agora, é feito, *precisa ser feito*. Isso é tudo. É a consagração da vida, de sua ação constitutiva, à inutilidade da vida. “Agora”, diz transcendência no instante inaugural, “vais comer o pão com o suor da tua frente!” E o barro animado, ou, como diz Pascal, “o graveto pensante”, responde: “Muito obrigado! Muito obrigado! Eu tenho, me foi dado possibilidade *de e para* possibilidade. Me foi concedida, desde nada e para nada, a bênção da ação inútil - inútil e necessária! Muito obrigado! Muito obrigado! Sou o que *posso, isto é*, o que *preciso ser!*” Na criação, só na criação, se faz liberdade sob a lei, isto é, só na criação liberdade e necessidade se conjugam - melhor: conjugam todos os verbos de vida.

Esta é a alegria inconfessa, quer dizer, não anunciada, não declarada, mas que atravessa, perpassa e perfaz toda ação, toda atividade criadora. É o que, um dia, escapou em

⁵ Cf. F. Nietzsche, Der Wille zur Macht, nr. 822

Fogel, Gilvan
Liberdade e Criação.

confissão sussurrada e que, então, virou proclamação na poesia de João Cabral de Melo Neto, no poema intitulado *O Artista Inconfessável*, onde se lê:

Fazer o que seja é inútil.
Não fazer nada é inútil.
Mas entre fazer e não fazer
Mais vale o inútil do fazer.
Mas não fazer para esquecer
que é inútil: nunca o esquecer.
Mas fazer o inútil sabendo
que ele é inútil, e bem sabendo
que é inútil e que seu sentido
não será sequer pressentido,
fazer: porque ele é mais difícil
do que não fazer, e dificil-
mente se poderá dizer
com mais desdém, ou então dizer
mais direto ao leitor Ninguém
que o feito o foi para ninguém.⁶

Petrópolis, 08/09/2002

⁶ Em *Poesia Crítica - Antologia*, Livraria José Olympio Editora S. A. , Rio de Janeiro, 1982, pág. 5